

Como aprender com as folhas invasoras da reitoria da Universidade Federal da Paraíba?

How to study with the invasive leaves in the rectory of the Federal University of Paraíba?

Candice Didonet¹

<https://orcid.org/0000-0001-5955-919X>

<http://lattes.cnpq.br/9311315710874718>

candicedidonet@gmail.com



1 - Artista-professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba. Possui mestrado em Dança pela Universidade Federal da Bahia e bacharelado em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC/SP. É doutoranda em co-tutela no Programa de Pós — Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia com a orientação da artista professora Laura Castro. É doutoranda em Estudos Artísticos na Universidad Distrital Francisco José de Caldas de Bogotá sob orientação do artista professor Álvaro Hernández.

Resumo: O que se sente em uma breve caminhada nos arredores da reitoria da Universidade Federal da Paraíba é um espaço arquitetural hostil. Quase não encontramos pessoas em estado de pausa, ócio ou contemplação. Este ensaio apresenta uma coleção de imagens de folhas invasoras que dão a ver uma paisagem vegetal que movimenta a pergunta que intitula este ensaio. As paisagens, aqui consideradas passagens, ocupam uma muralha furando com folhas as existências vegetais para sensibilizações para esta escrita.

Palavras-chave: Estudos Artísticos; Ocupação vegetal; Fotografia.

Abstract: *What you feel on a short walk around the rectory of the Federal University of Paraíba is a hostile architectural space. There are hardly any people in a state of pause, leisure or contemplation. This essay presents a collection of images of invading leaves that reveal a vegetal landscape that drives the question that titles this essay. The landscapes, considered here as passages, occupy a wall piercing the sensitisations for this writing with leaves as vegetal existences.*

Keywords: *Artistic Studies; Plant occupation; Photography.*

Quinta-feira, 25 de abril de 2024. Data que se emaranha na escrita deste ensaio. Quinta-feira, 25 de abril de 2024. Toca o telefone. Após três anos e meio de resiliência, as reitoras eleitas e não empossadas, são reeleitas na Universidade Federal da Paraíba, onde aguarda-se esta posse com alívio e angústia latente. Terezinha Domiciano e Mônica Nobre. Quinta-feira, 25 de abril de 2024. Após a situação de intervenção do professor Valdiney Gouveia não eleito e empossado pelo ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro em 5 de novembro de 2020 a notícia se estampou no site oficial desta universidade. A posse foi às pressas no Hospital Universitário e acompanhada de silenciamento e ocultamento em plena pandemia causada pelo COVID-19. Quinta-feira, 25 de abril de 2024, reaviva a pergunta que paira no ar para muito além desta data: como a democracia sustenta as relações de poder em uma universidade? E como as artes movem práticas libertadoras para a existência democrática?

Aqui mencionamos as artes para pensar as grafias, as fotografias e suas práticas em campos relacionais e situacionais capazes de produzir outros modos de conhecimentos e estudos. Dessa maneira, dialogamos em articulação com outros campos de saberes como a literatura e a educação, além de conhecimentos que atravessam noções e modos de acontecimentos nas práticas artísticas. Estas práticas acompanham as pedagogias engajadas como nos aponta a professora bell hooks (1999), como modos de ensinar e aprender atravessados pela liberdade e autorização de que todas as pessoas, independente de seus lugares, como estudantes, professoras ou reitoras são cultivadoras de plantio de conhecimentos sem compartimentalização.

Algumas pessoas diriam que o fato da reeleição das professoras Terezinha e Monica foi uma reparação histórica. Junto com a democracia, ou as democracias, no plural, as políticas de reparação são igualmente frágeis e as universidades se tornam, cada vez mais, alvos de manutenções de privilégios, hierarquias e poderes. A relação entre a situação de intervenção na Universidade Federal da Paraíba coloca um espectro ditatorial ainda vívido, seja nas práticas de liberdade cerceadas pela educação militar, seja nas práticas que incitam as censuras, parcialidades, perseguições e criminalizações.

A professora bell hooks nos coloca o desafio de caminhar a contar e relatar e, por isso, neste ensaio se retoma diversas vezes a data da reeleição das reitoras na Universidade Federal da Paraíba. 25 de abril de 2024. Um ato de caminhada contínua, antiga e recente especialmente contra a criminalização e perseguição de professores e estudantes nesta escola, um espaço público federal localizado na cidade de João Pessoa. As fotografias apresentam um testemunho e memória da intervenção reitoral nesta escola desde novembro de dois mil e vinte.

Desobedecer para aparecer. As folhas invasoras, em sua vegetal existência, sinalizam tempos impermanentes em que suas condições insistentes e resistentes se cruzam em movimentos de conexão com os muros constantemente pintados e apagados com a cor rosa. Querem tirar o que foi escrito, o protesto. Mesmo que os muros permaneçam descascando e revelando outros tempos. Também a conexão com a arquitetura em suas condições vegetais já transformadas e cerceadas por mãos humanas estabelecem a emergência da ressignificação em composições atravessadas por ocupações e confrontos. Folhas invasoras? As folhas dizem de uma diversidade complexa, aqui as folhas reforçam a sua corporeidade de se desprender de seu corpo vegetal, cair e compostar. As folhas invasoras não reduzem a existência vegetal em suas partes,

porém sinalizam a escolha de manter o foco em seu chamamento.

Ao reconhecer as folhas e suas corporeidades vegetais que articulam processos de vida, as reflexões sobre as referências apresentadas respiram os modos de ser e de habitar mundos coexistentes e mais que humanos. Nesta muralha compartilhada, as estéticas das fotografias são apresentadas sem separação com o chão e a fachada em uma rede de relações que se sustentam em conexões e saberes coletivos mais que humanos.

A criança foi categórica: como assim? Mais que humanos? Seriam então extraterrestres? Fiquei surpreso com o questionamento e matutei por que ela recorreu aos extraterrestres como ideia de ‘mais que humanos’ quando eu imaginava professores plantas, sementes, pedras de rio, formigas, pássaros e demais habitantes desse planeta. Quando mencionei que temos que aprender com esses seres e suas escolas, percebi que mesmo em uma criança a crença no humano como ser superior aos outros viventes é bastante forte.” (Simas, 2019, p. 64)

Caminhando como folhas invasoras é possível enfrentar a situação de intervenção política na Universidade Federal da Paraíba. Estes seres apresentam memórias e testemunhos a partir desse processo não democrático instituído na universidade. Para o filósofo Achille Mbembe (2023) é preciso entender a universidade como pluriversidade para sair da divisão entre razão e natureza. As folhas invasoras permanecem e furam espaços onde não são queridas. São um chamamento para outras formas de pensar e estudar. São existências professoras que permitem aprender a partir de seus modos e condutas de habitar.

Referências

DIDONET, Candice; SOUZA, Jamysson Ian Lima. Crisis e intervención en la Universidad Federal de Paraíba de Brasil. 2022.

HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2, 2013.

MBEMBE, Achille. Descolonizar la universidad. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. Editora José Olympio, 2019.

















